



e-ISSN: 2177-8183

**ATIVIDADES EDUCACIONAIS SOBRE RACISMO E POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS**

**EDUCATIONAL ACTIVITIES ON RACISM AND AFFIRMATIVE ACTION POLICIES**

**ACTIVIDADES EDUCATIVAS SOBRE EL RACISMO Y LAS POLÍTICAS DE ACCIÓN AFIRMATIVA**

*Beatriz Aguida Gomes*

*beatriz.aguida@aluno.ifsp.edu.br*

Instituto Federal de São Paulo (IFSP) –Caraguatatuba

Estudante de Licenciatura em Matemática do IFSP-Caraguatatuba

*Ricardo Roberto Plaza Teixeira Teixeira*

*rteixeira@ifsp.edu.br*

Docente do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Caraguatatuba

**RESUMO**

Este artigo é uma investigação acerca de atividades audiovisuais educacionais extensionistas realizadas sobre questões relacionadas a temas como o racismo e as políticas de ações afirmativas, tendo como público-alunos de duas escolas públicas de ensino médio, com diferentes perfis sociais, ambas localizadas no litoral norte paulista. O principal objetivo desse estudo é analisar os desdobramentos e impactos que as atividades educacionais implementadas produziram, bem como a percepção e os conhecimentos prévios dos estudantes envolvidos nestas ações acerca de alguns dos temas abordados nelas, em especial sobre preconceitos e desigualdades raciais. Uma das referências para a sua execução é a Lei 10.639 de 2003 que enfatizou a importância do trabalho educacional com a história e cultura afro-brasileira e africana, para propiciar que as pessoas conheçam, valorizem e respeitem as raízes históricas da sociedade brasileira, bem como tomem consciência da importância de combater os preconceitos raciais que ainda são tão presentes em nossa sociedade. As ações realizadas se caracterizaram – principalmente – pelo uso de textos, imagens e vídeos de curta duração que pudessem propiciar uma reflexão mais profunda sobre os preconceitos raciais e os valores que permeiam a sociedade em que vivemos, tendo em vista estereótipos que são frequentemente naturalizados. As apresentações procuraram utilizar a música

245

como ferramenta para debater e informar acerca da luta contra o racismo no Brasil. Em particular, o uso da música “Cota não é esmola” da compositora Bia Ferreira mostrou ser um excelente recurso didático para o debate sobre as cotas raciais. As respostas dadas por um total de 114 alunos a um questionário aplicado, após as apresentações nas duas escolas, possibilitaram uma melhor compreensão acerca das opiniões deles sobre os assuntos abordados, bem como permitiram notar que eles têm um interesse considerável por conhecer mais e se informar melhor sobre temas como as ações afirmativas.

**Palavras-chave:** Educação. Vídeo. Racismo. Preconceito. Música.

### **ABSTRACT**

This article presents an investigation of extension educational audiovisual activities carried out on issues related to themes such as racism and affirmative action policies, having as target audience students from two public high schools with different social profiles, both located on the north coast of São Paulo. Its main objective is to analyze the consequences and impacts that the implemented educational activities produced, as well as the perception and prior knowledge of students involved in these actions about some of the topics covered in them, in particular about racial prejudices and inequalities. One of the references for its execution is Law 10.639 of 2003, which emphasized the importance of educational work with Afro-Brazilian and African history and culture, to enable people to know, value and respect the historical roots of Brazilian society, as well as become aware of the importance of combating the racial prejudices that are still so present in our society. The actions performed were mainly characterized by the use of texts, images and videos of short duration that could provide a deeper reflection on racial prejudices and the values that permeate the society in which we live, considering stereotypes that are often naturalized. The presentations sought to use music as a tool to debate and inform the fight against racism in Brazil. In particular, the use of the song “Cota não é esmola” by composer Bia Ferreira proved to be an excellent didactic resource for the debate on racial quotas. The answers given by a total of 114 students to a questionnaire applied after the presentations at the two schools, allowed a better understanding of their opinions on the topics covered, as well as allowed to note that they have a considerable interest in knowing more and getting better informed on topics such as affirmative actions.

**Keywords:** Education. Video. Racism. Prejudice. Song.

### **RESUMEN**

Este artículo es una investigación sobre las actividades audiovisuales educativas extensionistas realizadas sobre temas relacionados con temas

como el racismo y las políticas de acción afirmativa, teniendo como público a estudiantes de dos escuelas secundarias públicas con diferentes perfiles sociales, ambas ubicadas en la costa norte de São Paulo. Su principal objetivo es analizar las consecuencias e impactos que produjeron las actividades educativas implementadas, así como la percepción y conocimiento previo de los estudiantes involucrados en estas acciones sobre algunos de los temas tratados en las mismas, en particular sobre los prejuicios y desigualdades raciales. Una de las referencias para su ejecución es la Ley 10.639 de 2003, que enfatizó la importancia del trabajo educativo con la historia y cultura afrobrasileña y africana, para que las personas puedan conocer, valorar y respetar las raíces históricas de la sociedad brasileña, así como convertirse en conscientes de la importancia de combatir los prejuicios raciales que aún están tan presentes en nuestra sociedad. Las acciones realizadas se caracterizaron principalmente por el uso de textos, imágenes y videos de corta duración que podrían brindar una reflexión más profunda sobre los prejuicios raciales y los valores que permean la sociedad en la que vivimos, considerando estereotipos que muchas veces se naturalizan. Las presentaciones buscaron utilizar la música como herramienta para debatir e informar sobre la lucha contra el racismo en Brasil. En particular, el uso de la canción “Cota não ésmola” del compositor Bia Ferreira resultó ser un excelente recurso didáctico para el debate sobre las cuotas raciales. Las respuestas dadas por un total de 114 alumnos a un cuestionario aplicado luego de las presentaciones en las dos escuelas, permitieron comprender mejor sus opiniones sobre los temas tratados, además de permitir notar que tienen un interés considerable en conocer más y obtener mejor información sobre temas como la acción afirmativa.

**Palabras clave:** Educación. Video. Racismo. Prejuicio. Canción.

## INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste artigo é analisar atividades educacionais audiovisuais de caráter extensionista que foram realizadas –no último trimestre de 2019, junto a alunos de duas escolas do litoral norte paulista – sobretudo tendo em vista os seus desdobramentos e os impactos que produziram, bem como a percepção dos estudantes envolvidos nestas ações acerca de alguns dos temas abordados nelas. No início deste trabalho, é apresentada a fundamentação teórica usada e que foi baseada na literatura científica existente acerca dos temas abordados nas ações implementadas. Na

247

sequência, são descritos os procedimentos metodológicos envolvidos nas atividades educacionais de extensão que foram realizadas e que são o foco da investigação deste artigo. A seguir, são analisados os resultados obtidos a partir de um questionário aplicado junto aos participantes das atividades. Ao término, são feitas as considerações tanto quanto o trabalho que foi desenvolvido quanto a busca de articular ensino, pesquisa e extensão.

Dentre as formas mais patentes de preconceito presentes nos debates públicos estão o racismo, o sexismo, a homofobia e o antissemitismo (RIOS, 2007). Deste modo, é importante investigar os conhecimentos existentes sobre as causas pelas quais surgem os preconceitos, tendo como ponto de partida a literatura científica existente sobre as formas pelas quais diferentes tipos de discriminações acontecem, em particular no caso do racismo.

O termo “preconceito” geralmente é mais utilizado em estudos acadêmicos, enquanto o termo “discriminação” é mais difundido na área jurídica. A palavra preconceito está associada às percepções mentais negativas diante de indivíduos e de grupos historicamente inferiorizados, bem como às representações sociais relacionadas a tais percepções. A palavra “discriminação” caracteriza a materialização, de modo concreto, nas relações sociais, de atitudes arbitrárias ou de omissão, relacionadas a preconceitos e que produzem uma violação de direitos de indivíduos e grupos. Este artigo investiga, por meio de uma metodologia qualitativa, atividades que tiveram o intuito de trabalhar – educacionalmente – com questões relacionadas ao preconceito e à discriminação.

O Brasil foi construído majoritariamente por mãos negras e indígenas, mãos essas que têm sido mal representadas na literatura didática brasileira. A prevalência monocultural e eurocêntrica dentro da literatura está relacionada à visão da chegada de um desbravador branco em uma terra sem nome e sem identidade: algo flagrantemente falso.

Da mesma maneira quando, em sala de aula, há a referência ao escravo africano, também há um equívoco de partida, pois ninguém é escravo: as pessoas foram e são escravizadas, em processos históricos que têm razões sociais e econômicas (CARVALHO, 2014). A Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) enfatizou a importância na educação do trabalho com a história e cultura afro-brasileira e africana, de modo a propiciar que as pessoas passem a conhecer, valorizar e respeitar as raízes históricas da sociedade brasileira, bem como lhes seja oportunizada a tomada de consciência para a importância de combater os preconceitos raciais ainda tão presentes em nossa sociedade. O enfrentamento do problema é dificultado pela ideia de que o racismo não existe no Brasil. Este tipo de negacionismo contribui para perdurar o chamado “racismo cordial”, expresso por meio de piadas, de ditos populares e de brincadeiras que o escondem (LIMA; VALA, 2004).

Em nossa cultura, o negro é frequentemente considerado um “personagem secundário”, isso é reproduzido nos currículos escolares. Deste modo a escola – que deveria ser um ambiente de reconhecimento e valorização da cultura e história negra – acaba por reafirmar esta hierarquização que está na base do racismo. A compreensão da vulnerabilidade e da exclusão social que afeta grande parte da população negra incentiva que surja – nos cidadãos – a necessidade de construir mecanismos de resistência e de articular a luta social por projetos que promovam relações étnico-raciais mais inclusivas: de grande importância para os estudantes negros, pois pode diminuir ou até mesmo extinguir as manifestações de racismo e de discursos de ódio em ambientes escolares. Importante também é tomar cuidado com a forma de abordagem destas questões porque – em certas situações – o próprio enaltecimento da diferença pode servir a um propósito negativo ao, implicitamente, reforçar preconceitos e estereótipos (VIANNA; RIDENTI, 1998).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As atividades descritas e analisadas neste projeto foram realizadas nos meses de outubro e novembro do ano de 2019, no contexto de um projeto de ensino, executado no âmbito do campus de Caraguatatuba do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Elas tinham como meta o aprofundamento de reflexões sobre o racismo no Brasil e a exposição dos seus impactos na sociedade, utilizando dados de pesquisas e manifestações culturais que pudessem de algum modo sensibilizar os participantes. Com este propósito, foram organizadas e estruturadas apresentações tendo como temas básicos o estudo do racismo e das formas existentes para combatê-lo. As apresentações, de caráter audiovisual, foram estruturadas na forma de arquivos de *powerpoint* abordaram temas como preconceito e discriminação. Elas foram pensadas como atividades de extensão para serem apresentadas junto a alunos da educação básica, em especial para alunos de ensino médio de escolas situadas na região do litoral norte paulista. A realização das atividades envolvendo essas apresentações foi possibilitada a partir das diversas parcerias estabelecidas pelos autores deste artigo com gestores e professores de escolas públicas situadas no litoral norte paulista.

A primeira etapa do trabalho consistiu em investigar manifestações artísticas – em específico, musicais – que abordassem o tema do racismo. Essa escolha se deu porque entendemos que a música é um instrumento poderoso de expressão de ideias e de sentimentos, permitindo uma reflexão acerca da vida e das agruras pelas quais passamos denominadas “minorias”, que apesar de ser um termo consagrado pela literatura, também deve ser alvo de uma análise crítica, já que a população brasileira negra ou afrodescendente (constituída por pretos e pardos) é de 56,2 %, ou seja, é maior que 50%; tratando-se, portanto, de uma maioria; mais especificamente, 46,8 % dos

brasileiros se declaram pardos e 9,4 % dos brasileiros se declaram pretos<sup>1</sup>. Foi feita – então – uma ampla revisão videográfica, em plataformas de armazenamento de vídeos como o youtube, a respeito de músicas e vídeos – relacionados ao tema do racismo – com biografias de cantores e compositores. Por meio desta investigação, foi estruturada uma apresentação que envolveu, de modo central, a exibição do videoclipe da canção “Cota Não é Esmola”<sup>2</sup> composta pela cantora Bia Ferreira, dentre outros recursos audiovisuais. A apresentação elaborada tinha 11 *slides* que trataram de temas como: as desigualdades existentes no acesso ao ensino universitário, as ações afirmativas para ingresso em universidades públicas, a lei das cotas de 2012 para os cursos superiores das universidades e institutos federais, as políticas de permanência de estudantes nas universidades públicas e a evolução do número de universitários negros formandos no Brasil.

A apresentação elaborada foi realizada em duas escolas com diferentes perfis, no último trimestre de 2019: a primeira autora deste trabalho foi quem realizou as apresentações; em ambos os casos, o segundo autor esteve presente também no momento das apresentações de modo a observar e avaliar os seus impactos junto ao público. A primeira apresentação ocorreu em outubro de 2019 na “Semana Tecnológica” (no início da tarde de um dia de semana regular) de uma escola técnica estadual (escola 1) situada em um bairro de classe média, de uma cidade do litoral norte paulista, a convite da orientadora educacional da escola, para alunos do ensino médio. A segunda apresentação ocorreu em novembro de 2019 (no final da manhã de um dia de semana regular), também para alunos de ensino médio de uma escola estadual (escola 2) situada em um bairro de periferia, de uma cidade do litoral norte paulista, durante uma “Mostra Audiovisual”, a convite de um dos docentes da

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>>.

escola. Em ambos os casos, as apresentações duraram entre 30 e 40 minutos, aproximadamente.

Um dos objetivos das atividades era o de investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre preconceitos e desigualdades raciais: essas ações procuraram conjugar ensino, pesquisa e extensão: os três pilares sobre os quais deve estar assentada a estrutura de uma instituição universitária. Para viabilizar o processo investigativo, foi elaborado um questionário sobre esses temas – juntamente com duas perguntas iniciais sobre o gênero e a idade dos participantes – de modo a traçar o perfil do público. As questões procuraram sondar a opinião dos alunos acerca de alguns dos temas que foram abordados durante as apresentações. Os questionários foram impressos em papel e distribuídos aos alunos presentes, aos quais foi solicitado que respondessem o que – em média – levava pouco tempo, já que os questionários eram curtos. A maioria das questões era fechada; entretanto, foram inseridas questões abertas ao seu final para, com as respostas, tentar compreender as concepções dos alunos por diferentes meios. O questionário permitiu que os alunos manifestassem seu ponto de vista com total liberdade de expressão. O mesmo questionário foi distribuído em duas escolas, possibilitando uma análise comparativa, mesmo que de forma limitada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário (em papel) foi respondido por 90 alunos da escola 1 e por 24 alunos da escola 2: o número total de respondentes somando as duas escolas foi de 114. A solicitação para que os alunos – que estivessem dispostos a colaborar – respondessem ao questionário aconteceu após o término das apresentações em ambos os casos. As porcentagens aproximadas serão apresentadas até a unidade, sem casas decimais. Nas duas escolas, o público atingido consistiu – basicamente – em alunos do Ensino Médio, com

idade entre 15 anos e 18 anos;no caso da escola 2, o responsável por um dos alunos esteve presente durante a atividade. A distribuição de idade dos alunos das duas escolas, que responderam ao questionário, é apresentada naTabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das porcentagens dos alunos que responderam ao questionário por idade (em anos) nas escolas 1 e 2.

Idade em anos	Porcentagens na escola	
	1	2
15 anos	24%	13%
16 anos	36%	54%
17 anos	36%	25%
18 anos	4%	4%
Com mais que 18 anos	0%	4%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

No que diz respeito à distribuição de acordo com o gênero (Tabela 2), na escola 1 (uma escola técnica estadual), a presença majoritária foi de meninos (60 %); na escola 2, a presença majoritária na atividade foi de meninas (58 %). É importante ressaltar que não foi realizado qualquer tipo de seleção dos presentes: nos dois eventos, os alunos tinha opção de assistir – ou não –à apresentação realizada.

Tabela 2 – Distribuição das porcentagens dos alunos que responderam ao questionário por gênero nas escolas 1 e 2.

Gênero	Porcentagens na escola 1	Porcentagens na escola 2
Masculino	60%	38%
Feminino	38%	58%
Outro	2%	4%

TOTAL	100%	100%
-------	------	------

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

O questionário não indagou sobre a raça/cor dos respondentes; os dados com as porcentagens sobre o perfil da distribuição de raça/cor das duas escolas (apresentados na Tabela 3) foram obtidos – posteriormente – junto a gestores dessas duas instituições de ensino. Essas se valeram das categorias usadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): branca, preta, parda, amarela e indígena. É possível notar uma diferença expressiva entre as duas escolas na distribuição de alunos no quesito raça/cor. Enquanto na escola 1 (situada em um bairro de classe média), cerca de 65% dos alunos (a maioria) se declaram brancos e 29% se declaram pretos ou pardos, o perfil é quase que o oposto na escola 2 (situada em um bairro de periferia), na qual cerca de 36% dos alunos se declaram brancos e 60% dos alunos (a maioria) se declaram pretos ou pardos.

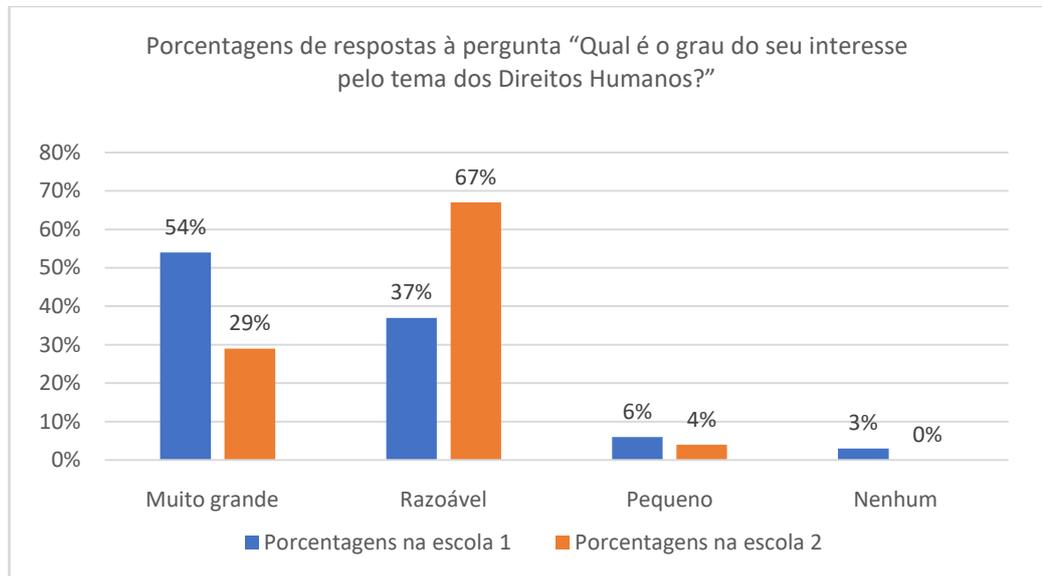
Tabela 3 – Distribuição das porcentagens dos alunos das escolas 1 e 2 por raça/cor, segundo dados obtidos com seus professores e de acordo com a classificação usada pelo IBGE.

Raça/cor	Porcentagens na escola	
	1	2
Branca	65%	36%
Preta	2%	20%
Parda	27%	40%
Amarela	5%	3%
Indígena	1%	1%
TOTAL	100%	100 %

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

A primeira questão do formulário (“Qual é o grau do seu interesse pelo tema dos Direitos Humanos?”) foi elaborada para investigar o grau de interesse dos alunos pelo tema central da apresentação; os alunos podiam assinalar uma de quatro alternativas (“muito grande”, “razoável”, “pequeno”, “nenhum”). Como mostra a Figura 1, em ambas as escolas, poucos alunos assinalaram “pequeno” ou “nenhum”; entretanto, enquanto na escola 1 a maioria dos alunos (54 %) respondeu “muito grande”, na escola 2 a maioria dos alunos (67 %) respondeu “razoável”. Para analisar esses dados, é importante lembrar que a escola 1 está localizada em um bairro de classe média e que o seu corpo discente é constituído, em grande parte, por um público oriundo da classe média; em oposição, a escola 2 está situada em um bairro periférico, com carências sociais e com problemas de segurança relacionados ao narcotráfico. Uma possível explicação para os resultados obtidos é a de que o discurso que associa a luta pelos direitos humanos à defesa de bandidos tenha atingido um número maior de pessoas nesta comunidade periférica.

Figura 1 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Qual é o grau do seu interesse pelo tema dos Direitos Humanos?” nas escolas 1 e 2.

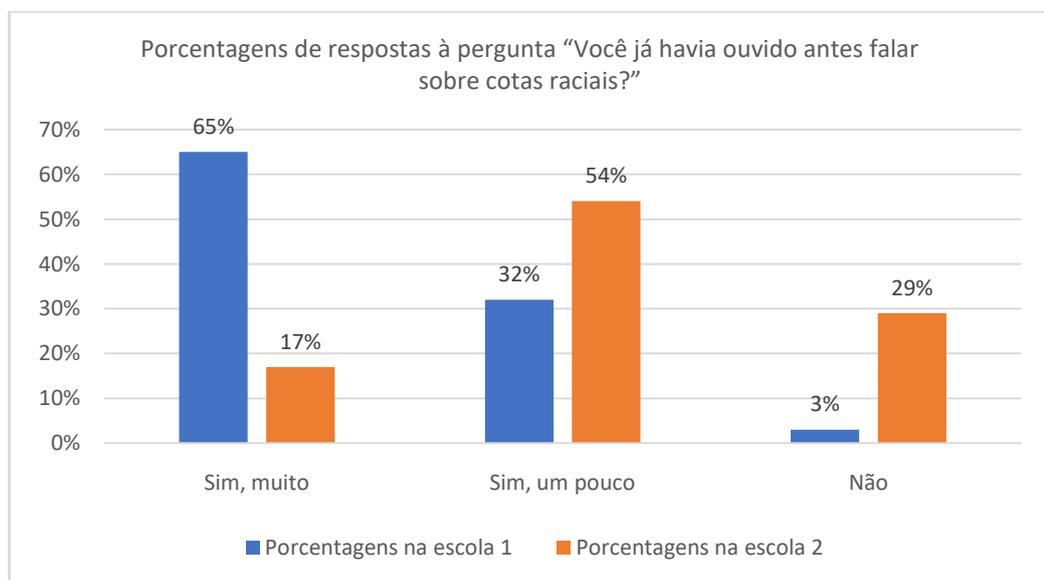


Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

A apresentação versou sobre temas como ações afirmativas e as políticas de permanência; dentre as questões presentes no questionário, buscou-se saber se os alunos já possuíam algum conhecimento sobre as cotas raciais antes da apresentação. Este foi o teor da pergunta 2: “Você já havia ouvido antes falar sobre cotas raciais?”; as alternativas de respostas possibilitadas pelo questionário foram “sim, muito”, “sim, um pouco” e “não”. De acordo com a Figura 2, enquanto, na escola 1, apenas 3% dos alunos não tinham ouvido falar antes das cotas raciais, na escola 2, isto ocorreu com consideráveis 29% dos alunos. Além dos limites que a educação e a vida impõem aos alunos, não há uma comunicação efetiva sobre esta oportunidade justamente para aqueles alunos que poderiam fazer valer o direito de uso das cotas (FRUTUOSO, 2010). Uma parcela considerável dos alunos de escolas de periferia afirma existir para eles uma “parede” de impossibilidades de ingressar em cursos de ensino superior de instituições universitárias públicas: uma abordagem mais incisiva do tema das cotas sociais (para alunos de escolas públicas) e raciais (para alunos negros) nas escolas de ensino médio de

periferia, poderia ajudar a motivar mais alunos para prosseguirem seus estudos em nível superior após a conclusão da etapa da educação básica.

Figura 2 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Você já havia ouvido antes falar sobre cotas raciais?” nas escolas 1 e 2.



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Para compreender o modo de obtenção de conhecimento – pelos alunos, sobre ações afirmativas – a terceira questão foi: “Por qual meio você, pela primeira vez, teve algum contato com o tema cotas raciais?” Dentre as alternativas de respostas possibilitadas pelo questionário, estavam: “internet”, “TV”, “sala de aula”, “revistas”, “nunca tive contato com este tema” e “outro”. Nesta pergunta, alguns alunos assinalaram mais de um item em suas respostas. A Tabela 4 mostra como se distribuíram as respostas em termos absolutos nas escolas 1 e 2. Com base nela, é possível perceber que – em ambas as escolas – a principal forma de contato com o tema ocorreu por intermédio da sala de aula (36 alunos na escola 1 e 13 alunos na escola 2),

seguidos pela internet e pela TV. Isto evidencia a importância de que os professores abordem este tema, dentro da sala de aula, de forma a tornar o funcionamento das ações afirmativas mais compreensível pelos alunos. Além disso, os números revelam que a internet – como fonte do contato inicial acerca do tema das cotas – foi muito mais importante para os alunos da escola 1 do que para os alunos da escola 2.

Tabela 4 – Distribuição das respostas (em números absolutos) dadas pelos alunos das escolas 1 e 2 para a questão “Por qual meio você pela primeira vez teve algum contato com o tema cotas raciais?” (alguns alunos assinalaram mais de um item).

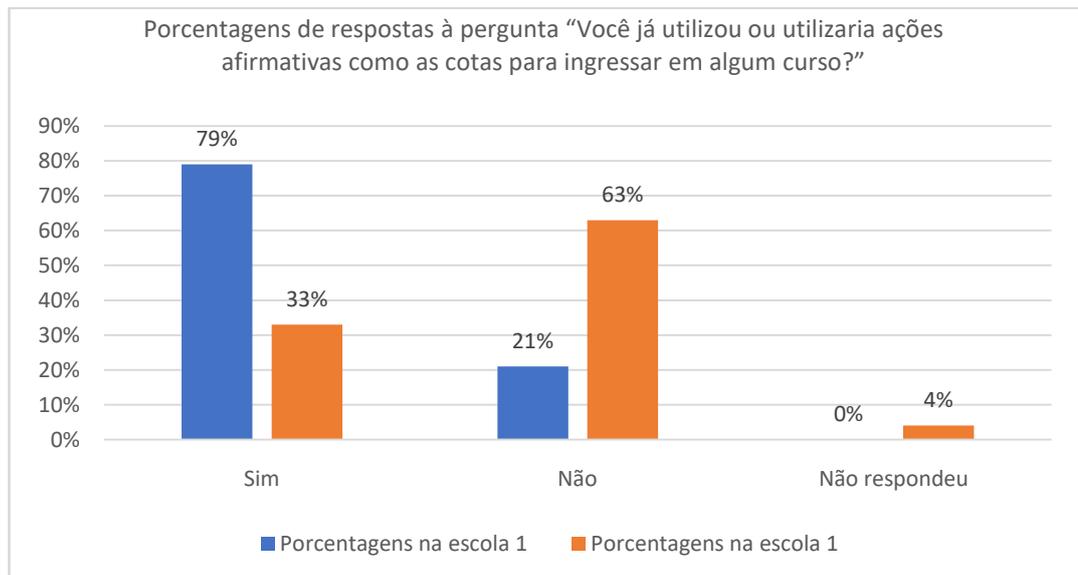
Questão: “Por qual meio você pela primeira vez teve algum contato com o tema cotas raciais?”	Quantidades de respostas na escola 1	Quantidades de respostas na escola 2
Internet	35	6
TV	11	3
Sala de aula	36	13
Revistas	1	0
Nunca tive contato com este tema	2	4
Outro	10	0
TOTAL	95	26

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Em seguida, o questionário perguntava ao aluno: “Você já utilizou ou utilizaria ações afirmativas como as cotas para ingressar em algum curso?” Como mostra a Figura 3, as respostas dadas pelos alunos das duas escolas diferiram bastante: enquanto na escola 2, a maioria dos alunos (63%) disse que não usou ou usaria ações afirmativas (cotas) para ingressar em um curso, na escola 1, o oposto ocorreu, e a maioria (79%) afirmou que usou ou usaria as ações afirmativas (cotas) para ingressar em um curso. Este último

resultado se deve consideravelmente ao fato de que, para ingressar nos próprios cursos de ensino médio e técnico da escola 1 (que são bastante disputados), os alunos passam por um processo de seleção, no qual há a opção de utilizar ações afirmativas. As respostas dadas pelos alunos da escola 2, indicam que –talvez –alguns alunos de escolas periféricas limitem suas expectativas de acesso ao ensino superior ou por desconhecimento dos seus direitos ou pela crença de que o uso das ações afirmativas não seja algo correto, produzindo uma espécie de autoexclusão.

Figura 3 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Você já utilizou ou utilizaria ações afirmativas como as cotas para ingressar em algum curso?” nas escolas 1 e 2.

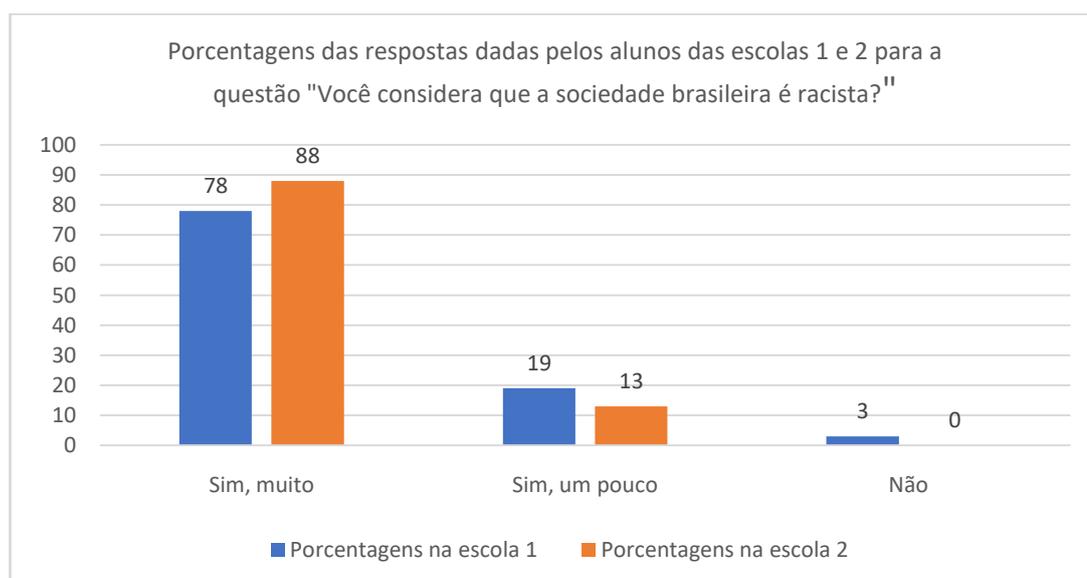


Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Com o intuito de sondar a opinião dos alunos, sobre como eles encaravam a sociedade brasileira do ponto de vista dos preconceitos raciais, o questionário perguntou: “Você considera que a sociedade brasileira é racista?” As alternativas de respostas disponibilizadas para esta pergunta foram “sim, 259

muito”, “sim, um pouco” e “não”. A Figura 4 mostra as porcentagens das respostas dadas a esta questão pelos alunos das escolas 1 e 2 presentes nas apresentações. Em ambas as escolas, a maioria dos alunos respondeu que a sociedade brasileira é muito racista (78 % na escola 1 e 88 % na escola 2). Na escola 2, por sua vez, nenhum aluno respondeu que a sociedade brasileira não é racista, enquanto 3 alunos da escola 1 responderam que a sociedade brasileira não é racista.

Figura 4 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Você considera que a sociedade brasileira é racista?” nas escolas 1 e 2.

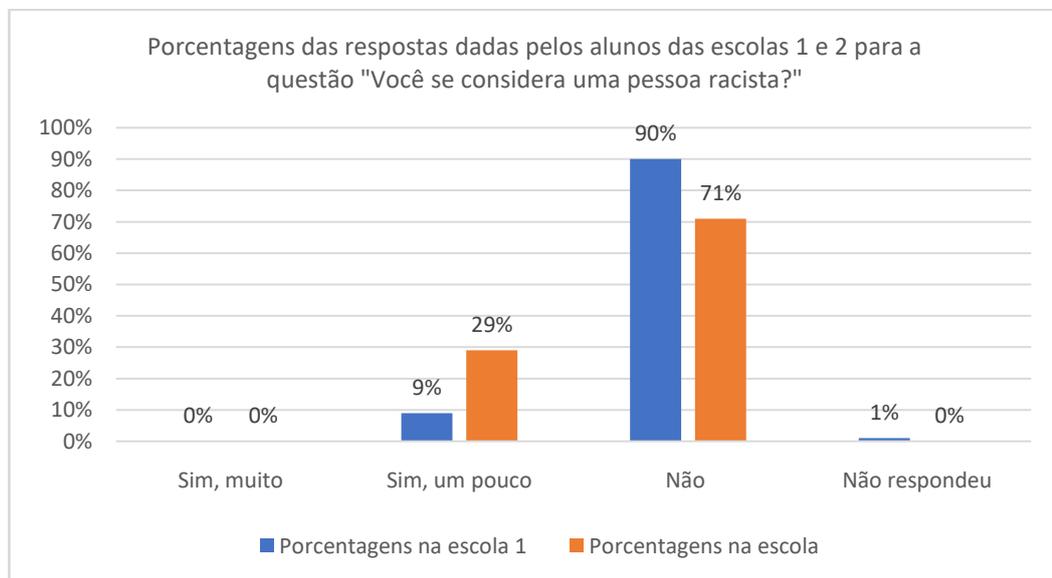


Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

A questão seguinte – que é complementar à anterior – perguntou aos alunos: “Você se considera uma pessoa racista?” As alternativas de respostas disponibilizadas para esta pergunta foram as mesmas dadas para a pergunta anterior: “sim, muito”, “sim, um pouco” e “não”. A Figura 5 mostra as porcentagens das respostas dadas a esta questão pelos alunos das escolas 1

e 2 presentes nas apresentações. Na escola 1, as respostas de 9 % dos alunos afirmavam que eles se consideravam “sim, um pouco” racistas, enquanto 91% afirmaram que “não” eram racistas. Na escola 2, por outro lado, 29% dos alunos responderam que eram “sim, um pouco” racistas, enquanto 71% afirmaram que “não” eram racistas.

Figura 5 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Você se considera uma pessoa racista?” nas escolas 1 e 2.

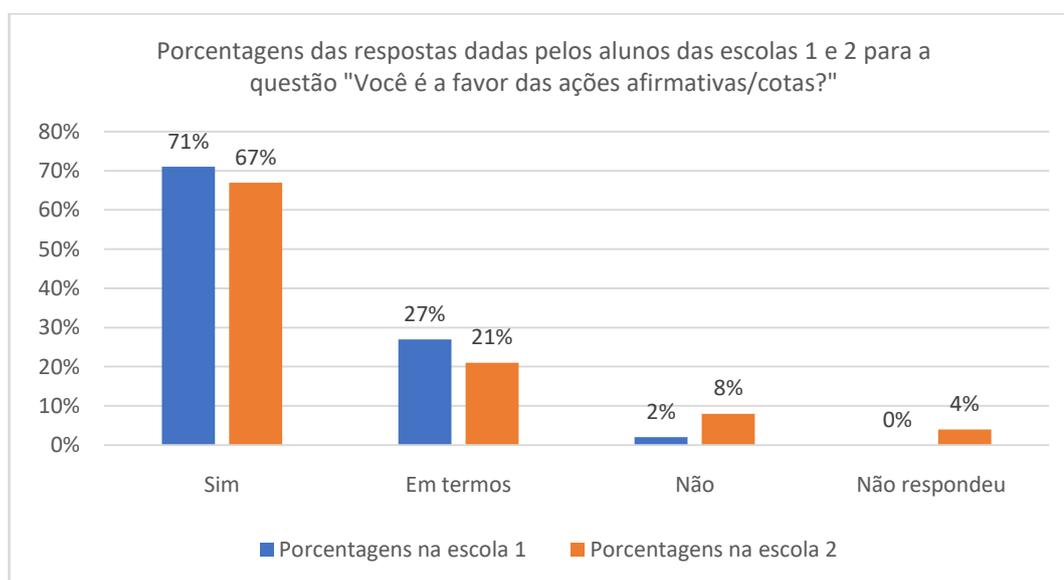


Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

A questão a seguir investigou posicionamento dos alunos sobre as ações afirmativas: “Você é a favor das ações afirmativas/cotas?” Indiretamente, esta questão estabelecia uma relação com a indagação sobre se as ações afirmativas eram ou não uma boa proposta para a correção das desigualdades sociais existentes em nosso país, especialmente no caso das desigualdades raciais. As alternativas possíveis para as respostas eram: “sim”, “em termos” e “não”. A Figura 6 apresenta as porcentagens de respostas dadas a esta questão pelos alunos das escolas 1 e 2. A grande maioria dos alunos das

escolas 1 e 2 respondeu que sim, eram favoráveis às ações afirmativas / cotas, 71 % e 67 %, respectivamente. O número de alunos que se declarou contra as ações afirmativas/cotas foi maior na escola 2 (8 %) do que na escola 1 (2 %).

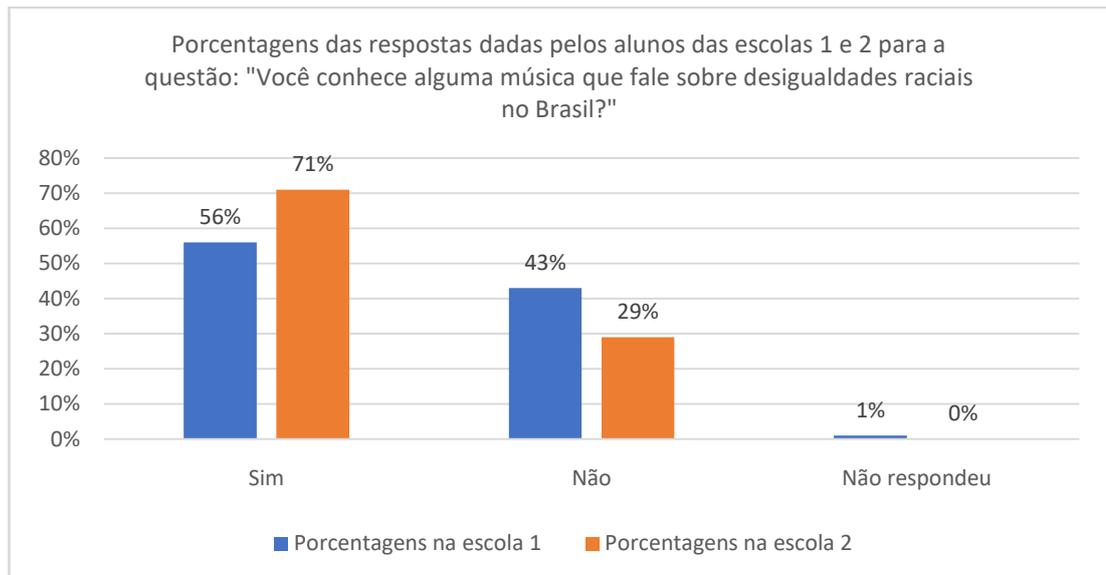
Figura 6 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Você é a favor das ações afirmativas/cotas?” nas escolas 1 e 2.



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Para investigar a forma pela qual a música – e por decorrência, a arte em geral – pode ser usada como uma ferramenta educacional para o combate a preconceitos, a pergunta seguinte indagou: “Você conhece alguma música que fale sobre desigualdades raciais no Brasil?”. A Figura 7 apresenta as porcentagens de respostas dadas pelos alunos a esta questão. Em ambas as escolas, a maioria dos alunos afirmou conhecer alguma música que falasse sobre desigualdades raciais no Brasil, 56 % e 71 %, respectivamente; entretanto, é possível perceber que o percentual de respostas afirmativas foi significativamente maior na escola 2.

Figura 7 – Gráfico com a distribuição das porcentagens das respostas para a questão “Você conhece alguma música que fale sobre desigualdades raciais no Brasil?” nas escolas 1 e 2.



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Os alunos que responderam conhecer alguma música que falasse sobre desigualdades raciais no Brasil foram convidados a escrever no questionário o nome da música em questão. Analisando a amostra total de alunos das duas escolas, as duas músicas mais citadas (por dez alunos em cada caso) foram “Cota não é esmola” (de Bia Ferreira) e “Negro Drama” (Racionais MC’s). As músicas a seguir foram citadas por dois alunos em cada caso: “Muleque de Vila” (Projota), “Triste, louca ou má” (Francisco, elHombre), “Bluesman” (Baco Exu do Blues) e “Diga não” (Bia Ferreira).

No caso da música “Cota não é esmola” –da cantora e compositora Bia Ferreira –o seu eixo temático envolve o cotidiano de uma aluna preta e pobre nascida na favela;em particular, são abordados osproblemas sociais enfrentados por ela. Como exemplo, a dificuldade em equilibrar os estudos e o auxílio aos pais, os obstáculos existentes para a locomoção dos bairros

periféricos até a escola, a falta de apoio da escola para que a aluna consiga superar suas atribuições ea forma com as questões raciais são invisibilizadas. Segundo a própria artista Bia Ferreira, suas músicas ajudam a educar e conscientizar sobre as lutas contra o racismo no Brasil: a narrativa da música “Cota não é esmola” e os seus blocos temáticos textuais são usados como suporte argumentativo e para as representações dos agentes sociais envolvidos (OLIVEIRA; EL-DINE; FIGUEIREDO, 2020). Segundo Bia Ferreira, o posicionamento contra as cotas é fruto da desinformação e da falta de oportunidade: para ela a informação ajuda a libertar as mentes, pois faz com que as pessoas passem a querer mudanças (CAETANO; HERMANSON, 2019).

Por sua vez, o grupo Racionais MC's trabalha com músicas cujo conteúdo é escrito por meio de narrativas (contações de histórias) que denunciam a exclusão, a discriminação e o racismo. A música “Negro Drama” aborda temas como a vulnerabilidade social, a violência existente nos bairros mais periféricos da cidade de São Paulo e o preconceito racial contra negros, elementos que estão muito presentes nas relações sociais dos jovens da periferia (ZENI, 2004).

Na sequência, foi perguntado aos alunos: “Na sua opinião, quantos por cento da população brasileira são negros/pardos/pretos?” Durante as apresentações foi informado que cerca de 54% da população brasileira é composta por negros, pretos e pardos; este era o dado mais recente do IBGE que existia na época. A Tabela 5 mostra a distribuição de porcentagens das respostas dos alunos das escolas 1 e 2, para intervalos com largura de 10%. No caso dos alunos da escola 1, a maioria absoluta (60%) respondeu que a porcentagem de negros (pretos e pardos) na população brasileira está entre 50 % e 59%, como de fato acontece; já entre os alunos da escola 2, uma maioria

relativa de cerca de um terço (33%) respondeu que a porcentagem de afrodescendentes na população brasileira está entre 50% e 59%.

Tabela 5 – Distribuição das porcentagens das respostas dadas pelos alunos das escolas 1 e 2 para a questão “Na sua opinião, quantos por cento da população brasileira são negros/pardos/pretos?”

Questão: “Na sua opinião, quantos por cento da população brasileira são negros/pardos/pretos?”	Porcentagens na escola 1	Porcentagens na escola 2
Entre 40% e 49%	0%	4%
Entre 50% e 59%	60%	33%
Entre 60% e 69%	22%	25%
Entre 70% e 79%	7 %	13%
Entre 80% e 89%	8%	0%
Entre 90% e 100%	1%	0%
Não respondeu	2%	25%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Acerca do percentual da população negra no Brasil, durante a apresentação na escola 2, um estudante destacou o fato de que chamamos de “minoría” uma população que – na realidade – é a maioria no país. Existem fatores históricos que cancelam o uso do termo “minoría”, inclusive associados ao papel desempenhado pela ideologia do branqueamento muito presente no Brasil dos séculos XIX e XX que defendia a ideia “melhoria” do povo: tratava-se de um pensamento de teor racista ligado à ideia de eugenia que perpassava as elites econômicas da sociedade brasileira e que atingia também outras diferentes nações do globo. Esse pensamento esteve presente – por exemplo – na gênese da ascensão do nazismo, na Alemanha, na primeira metade do século XX (DÁVILA, 2005). Este movimento, balizado por uma versão

profundamente eurocêntrica de mundo, visava “desnegrecer” o Brasil, no bojo de uma espécie de processo de “arianização” tupiniquim (DOMINGUES, 2019).

As duas últimas perguntas do questionário foram abertas e elaboradas de forma a se complementarem. A primeira indagava: “Você consegue explicar a importância das ações afirmativas nas instituições universitárias públicas?” Selecionamos as respostas mais significativas em ambas escolas. No Quadro 1 estão alguns dos padrões de respostas dos alunos da escola 1. As explicações dos estudantes a respeito do seu ponto de vista foram divididas – aproximadamente – em quatro grandes grupos explicativos, que podem ser definidos pelas expressões “dar oportunidade”, “integração”, “resgate histórico” e “igualdade social”. Apenas um aluno escreveu respondendo de forma negativa: “Eu entendo, mas não consigo explicar”.

Quadro 1 – Respostas mais típicas dadas pelos alunos da escola 1 à questão aberta: “Você consegue explicar a importância das ações afirmativas nas instituições universitárias públicas?”

Dar oportunidade de ensino superior para pessoas sem condições / A importância da cota é estabelecer as chances das pessoas / Dar chance para que as pessoas a partir do mérito tenham chance de entrar, porque às vezes eram impedidas pelo racismo, pela cor da pele / É importante para que todos tenham as mesmas oportunidades! / Abrir portas para que todos possam estudar / Ela ajuda a população negra a ter oportunidades e ser igual a todas as etnias / Igualar as oportunidades

A integração de negros e pobres em lugares que por construções sociais não puderam estudar antes / Integração social para dar oportunidade às pessoas

É de importância extrema, com o intuito de correção de uma injustiça social e resgate histórico / Elas existem para reparação histórica / Acho que funcionaria como um reajuste na História / Integração social, dívida histórica /

É uma forma de <u>reparar injustiças sociais</u>
--

É importante para que haja <u>igualdade social</u> / Essas ações são importantes para combater a <u>desigualdade social</u> / Elas corrigem ações <u>desiguais</u> / Existe para que haja diminuição na <u>desigualdade</u> / <u>Igualdade social</u>
---

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

O Quadro 2 apresenta as seis respostas afirmativas fornecidas pelos alunos da escola 2 para a questão “Você consegue explicar a importância das ações afirmativas nas instituições universitárias públicas?”. Ocorreram 13 respostas negativas em que os respondentes afirmaram não saber explicar a importância das ações afirmativas: em 11 casos, foi escrito no questionário simplesmente a palavra “não”, enquanto nos dois outros casos foi escrito “não sei explicar” e “não, por enquanto não sei muito sobre o assunto”. Deste modo, é possível notar que muitos alunos da escola 2 não conseguiram expressar por escrito o seu entendimento acerca da importância das ações afirmativas; no entanto, em uma roda de conversa com a primeira autora deste artigo – responsável pela apresentação realizada nesta escola – os alunos, oralmente, souberam expor suas opiniões e a compreensão que tinham sobre o tema: possivelmente o obstáculo ocorre no momento de colocar seus argumentos de forma escrita.

Quadro 2 – Respostas mais típicas dadas pelos alunos da escola 2 à questão aberta: “Você consegue explicar a importância das ações afirmativas nas instituições universitárias públicas?”

Porque dão muitas oportunidades.
----------------------------------

Para ter uma igualdade, sem um ser melhor que outro.
--

Para ter um acesso maior ao ensino.
-------------------------------------

Existem poucos negros em universidades.
---

Para que o Brasil melhore, as pessoas têm que melhorar.
---

As pessoas têm que parar com o racismo.
---

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

A segunda das questões abertas foi: “Como você acha que seria uma boa forma de combater o racismo?” Assim como à questão anterior, selecionamos as respostas mais significativas em ambas as escolas. O Quadro 3 apresenta os padrões mais comuns de respostas dadas pelos alunos da escola 1. As propostas de combate ao racismo, fornecidas pelos estudantes, foram divididas – aproximadamente – em seis grandes grupos explicativos, que podem ser definidos pelas expressões “educação”, “informação”, “conscientização”, “igualdade”, “leis rígidas contra o racismo” e “fogo nos racistas”.

A expressão “fogo nos racistas” foi usada por dez alunos em suas respostas, o que indica que, provavelmente, esta era uma expressão de uso comum, pelo menos por parte dos estudantes de ensino médio, no momento que a atividade foi realizada. Uma investigação mais profunda evidenciou que a sentença “Fogo nos racistas” está associada a uma expressão que faz parte da discografia do cantor e compositor Djonga, considerado um dos nomes mais influentes do rap brasileiro. Isto mostra o impacto das canções como formas de manifestação popular. O movimento do hip-hop em nosso país foi importante para a construção de uma identidade negra no Brasil, relacionando a arte e as manifestações culturais ao debate político e ao desenvolvimento do pensamento crítico. Na letra da música “Ainda há tempo”, o compositor Criolo afirma “Porque se o rap tá comigo, eu não me sinto excluído”, o que revela a importância do sentimento de pertencimento ofertado pelo movimento (PITTA, 2019).

Quadro 3 –Respostas mais típicas dadas pelos alunos da escola 1 à questão aberta: “Como você acha que seria uma boa forma de combater o racismo?”

Melhorando a <u>educação</u> / Com diversas medidas educacionais e formativas para uma desestruturação do racismo / Com ensino nas escolas sobre o assunto / Com iniciativas educacionais, oportunizando e tirando do poder aqueles que validam tais comportamentos / Educando a população, mostrando a realidade que aconteceu na história dos negros, mostrando a importância deles na sociedade / Educando crianças, elas aprendem conosco / Educando e ensinando sobre o assunto / Projetos educacionais / Ensinando, desde pequeno em casa, que uma cor não difere direitos / Com ações de longo prazo, influenciando na criação das novas gerações / Debates e palestras explicativas: educando / Dando mais educação e estrutura para o povo
A <u>informação</u> para todos para promover uma mudança gradual de paradigma / Como tudo, com informação, explicar para todos as questões históricas / Mais informação para as novas gerações para mudar as mentes mais antigas / Discussões sobre o tema em mídias televisivas e internet / Divulgando mais as histórias e culturas / Falar mais sobre e mostrar o quão ruim ele é / Proliferação de conhecimento e informação para toda população
Além da conversa, atitudes de <u>conscientização</u> / Conscientizar a população e criar programas sociais / Conscientizando as pessoas / Por meio da conscientização de que todos somos iguais perante a lei, e deveria ser em nossa sociedade / Construindo uma sociedade que saiba respeitar um ao outro
Atingir o nível de <u>igualdade</u> social entre todas as etnias e evoluir o pensamento (não ser racista). Assim não será necessário utilizar as cotas / Diminuindo a desigualdade / Combater a desigualdade social / Diminuindo a segregação na infância / Acho que a melhor forma de combater o racismo é

o empoderamento negro / Mostrando que somos todos iguais
Com <u>leis rígidas contra o racismo</u> e uma sensibilização maior sobre o assunto / Leis governamentais contra o racismo / Leis mais rígidas contra o racismo / Prisão sem direito a fiança para racistas / Com iniciativas políticas antirracismo
Fogo nos racistas

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

O Quadro 4 apresenta as respostas mais comuns dadas pelos alunos da escola 2 à pergunta: “Como você acha que seria uma boa forma de combater o racismo?” Cabe destacar que cinco alunos da escola 2 responderam “respeitar uns aos outros”, enquanto oito alunos (um terço da amostra de 24 alunos desta escola) responderam simplesmente “não sei”. Uma resposta interessante fez referência ao “Slam” definido como uma batalha de poesia falada (FREITAS, 2019) muito relacionada ao rap e ao hip-hop. Este movimento foi iniciado nos Estados Unidos – em meados dos anos 1980 – e, posteriormente, chegou ao Brasil: o Slam da Guilhermina na Zona Leste de São Paulo é um dos pioneiros.

Quadro 4 –Respostas mais típicas dadas pelos alunos da escola 2 à questão aberta: “Como você acha que seria uma boa forma de combater o racismo?”

Fazendo palestras, quem sabe em Slam.
Mostrando e aprendendo sobre a cultura afro-brasileira e a luta do povo negro.
Com as cotas
Com direitos iguais para todos
Forçar a convivência dos lados e criar mais consequências contra o racismo.
As pessoas devem aprender que todos nós somos iguais.
Se o governo não fosse capitalista não teria isso, não teria racismo.

Se a população brasileira tivesse mais noção do quão grave isso pode ser.
---

Respeitar uns aos outros.
---------------------------

Não sei
---------

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Em ambas as escolas, foi possível notar que existe um interesse vívido dos alunos pela discussão de temas ligados às questões raciais e aos Direitos Humanos. Não foi realizado nenhum tipo de seleção dos presentes nas apresentações que, de fato, atraíram a atenção dos alunos por expor o contexto histórico do surgimento das ações afirmativas e o modo do seu funcionamento. As respostas também destacaram a importância de que ações afirmativas para ingressos em cursos de instituições de ensino superior públicas devam ser acompanhadas por políticas de permanência. Finalmente as ações realizadas procuraram discutir a ideia de meritocracia sob uma diversidade de pontos de vista por uma linguagem acessível e com abertura para o debate.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das atividades educacionais de extensão sobre as ações afirmativas e as cotas raciais em duas escolas com diferentes perfis econômicos e sociais, permitiu perceber as diferentes percepções existentes acerca destes temas. Na escola 1 – uma escola técnica estadual situada em um bairro de classe média – as respostas dadas pelos alunos revelam que eles conferem uma importância grande à educação como forma de combater o racismo. Já os alunos da escola 2 – uma escola estadual de ensino médio situada em um bairro de periferia, com os problemas sociais advindos desta realidade – sobre a questão da forma de combater o racismo, propõe outras estratégias, como por meio de Slam (batalhas de poesia falada) ou pela aprendizagem sobre a cultura afro-brasileira e sobre a luta do povo negro.

Os dados revelaram que há um desconhecimento considerável por parte de muitos alunos da escola 2, situada em um bairro periférico do litoral norte paulista, acerca do modo de funcionamento das ações afirmativas e das cotas raciais. Muitos dos alunos de escolas periféricas como essa, são os potenciais beneficiários das ações afirmativas: eles estudam em uma escola pública, e há uma considerável porcentagem deles que estão em condições de vulnerabilidade social (com baixa renda familiar per capita) e/ou são negros. Diante dessa realidade, é importante que professores e gestores de instituições de ensino em condições similares às da escola 2 trabalhem com os seus alunos, das mais variadas formas, os temas das ações afirmativas e das cotas, de modo que eles não se autoexcluam da possibilidade de continuar seus estudos em nível superior em instituições públicas de qualidade.

As ações afirmativas – no contexto do Brasil dos dias de hoje, uma das nações mais desiguais do mundo – tornaram-se uma necessidade premente para procurar diminuir as distorções, historicamente construídas, que prejudicam uma parcela considerável da população negra brasileira (SILVA, 2017). A diminuição das desigualdades raciais é uma condição necessária para combater o racismo que, frequentemente, procura se disseminar a partir da argumentação de que as desigualdades raciais seriam naturais e não uma consequência de fatores históricos, econômicos e sociais. Para que a ampliação do acesso ao ensino superior se viabilize, é importante que os principais beneficiários das políticas de ações afirmativas tenham conhecimento de seus direitos ao uso destas políticas e saibam – minimamente – como elas funcionam. Portanto, é muito importante que sejam incentivadas ações educacionais de esclarecimento sobre as cotas, junto ao corpo discente das escolas públicas, em especial aquelas situadas em bairros periféricos, como ocorreu nesta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-reitoria de Ensino do IFSP pelo fomento para que este trabalho fosse realizado.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CAETANO, Bruna; HERMANSON, Marcos. Cota não é esmola - Cantora Bia Ferreira fala sobre música como "ativismo". **Brasil de Fato**, 08 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/08/cota-nao-e-esmola-or-cantora-bia-ferreira-fala-sobre-musica-como-ativismo>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

CARVALHO, Leandro. **Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasil Escola, 2014. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/e2433>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**: Política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2019.

FREITAS, D. S. de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 59, p. 1–15, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29317/>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

OLIVEIRA, Felipe de Souza; EL-DINE, Igor Pires Zem; FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. Voz(es) e Resistência(s) na canção "Cota não é esmola" à luz da análise crítica do discurso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 14, n. 29, p. 177-193, 2020. Disponível em:

<<https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29030>>.

Acesso em: 24 jun. 2021.

PITTA, Alexandre Carvalho. **O rap do fim do mundo**: modernidade tardia brasileira e insurgência nas canções de Criolo e Emicida. 2019. 237 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29377/1/Alexandre%20Carvalho%20Pitta%20-%20doutorado%20-%20Programa%20de%20Literatura%20e%20Cultura.pdf>>.

Acesso em: 25 jun. 2021.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCACHY, Fernando. **Rompendo o silêncio**. Porto Alegre: Nuances, 2007.

SILVA, Maurício. Ações afirmativas no Brasil: considerações acerca das cotas raciais na universidade. **Revista Pedagógica**, v. 49, n. 32, p. 107-129, 2017. Disponível em:

<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3998>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

VIANNA, Cláudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, JulioGroppa (org.). **Diferenças e preconceito na escola**. São Paulo: Summus, 1998.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados**, v 18, n. 50, p. 225-241, 2004. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ea/a/pGQS88DXCXMBgjTQNwJwxqw/?lang=pt>>.

Acesso em: 23 jun. 2021.